

TOP! TOP!



Outubro 2004 - Nº 17



**Bartolo é destaque na Itália:
Entrevista com Cristovam Tadeu**

Ó nós aqui 'tra vez!

Fanzine é assim mesmo, some por uns tempos pra depois ressurgir, às vezes com outro título, às vezes com outra fórmula. O Top! Top! Não foge à regra. Como era conhecido, desde o início, com o formato 17x25,5cm, parou há um ano, na edição 16. Ele vinha se sofisticando, tomando ares de revista especializada, o que era verdadeiramente nosso propósito, mas não era o interesse do público. Com o requinte da capa colorida das três últimas edições, o fanzine tornou-se caro e sofreu o recuo dos leitores. *Voilà*, para mantê-lo vivo tivemos que adaptá-lo ao formato econômico, de modo que uma edição que não circule não venha a “quebrar” a editora.

Por outro lado, fica a questão: será que o público quer mesmo o compromisso de um título seriado? Em resposta, estamos investindo mais em edições avulsas, como os álbuns, livros de quadrinhos, tiras e cartuns, e os ensaios, na Coleção Quiosque. Hm



Roteiro

- Capa - Ilustração de Cristovam Tadeu
- 2. Cartum - Sergio Más
- 3. Bartolo: uma personagem universal
- 9. Um brinde a Cristovam - Edgard Guimarães
- 11. Os quadrinhos no Brasil são viáveis? - José Valcir
- 13. Chamada Geral
- 15. Lero-lero

TOP! TOP!

Nº 17, outubro de 2004. ISSN 1415-8558

Publicação da editora

Marca de Fantasia

Editor: Henrique Magalhães. Rua Antônio Lira, 970/303. João Pessoa, PB. Brasil. Cep: 58045-090.

<http://marcadefantasia.sites.uol.com.br>, mdefantasia@ig.com.br

Colaboração: Cristovam Tadeu, Edgard Guimarães, José Valcir e Sergio Más. Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações (textos, ilustrações e quadrinhos) são de propriedade e responsabilidade dos autores.



BARTOLO

Uma personagem universal

Cristovam Tadeu é um humorista integral.

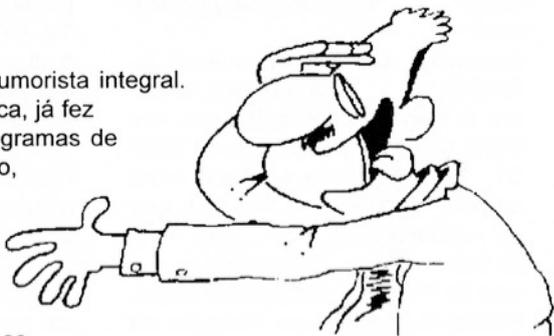
Com sua verve histriônica, já fez shows, peças de teatro, programas de televisão, comerciais e, claro, histórias em quadrinhos.

Em julho esteve em Rimini, na Itália, como convidado do 20º Festival Internacional de Cinema de Animação e de Quadrinhos.

Lá, além de participar do júri, apresentou sua personagem mais popular, *Bartolo*, que circulou durante anos nos jornais paraibanos, em revistas, fanzines e livros, um deles editado na coleção *Das Tiras, Coração*, de nossa Marca de Fantasia.

Paraibano de Cajazeiras, mora desde os dois meses de idade em João Pessoa, onde trabalha como ilustrador e chargista. Tem 43 anos e é formado em Arte Educação pela Universidade Federal da Paraíba, tendo feito ainda uma parte do curso de Comunicação Social.

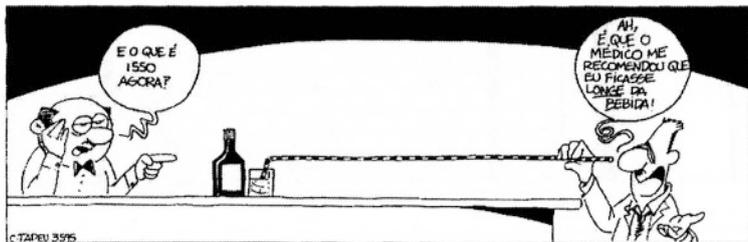
Nesta entrevista, Cristovam nos revela como foi sua primeira experiência no exterior e quais as perspectivas para seu trabalho. Hm.



Como você teve contato com os quadrinhos e cartuns? Você é autodidata ou fez curso de desenho? Quais as suas influências?

Sou um autodidata. Toda criança gosta de desenhar. Quando meus pais viram que eu tinha dom pro tro-

ço, foram me dando presentes, tipo lápis de cor, caneta, essas coisas. Minhas influências sempre foram os gibis. Do *Mickey* ao *Capitão América* tudo era leitura obrigatória. No final dos anos 70 e início dos 80 eu conheci a imprensa alternativa no



Brasil, como *Pasquim* etc. Foi o passo que faltava pra definir o meu tipo de quadrinho através do Henfil e de outros, como Sérgio Aragonés da revista *MAD*.

Quando começou e onde já publicou?

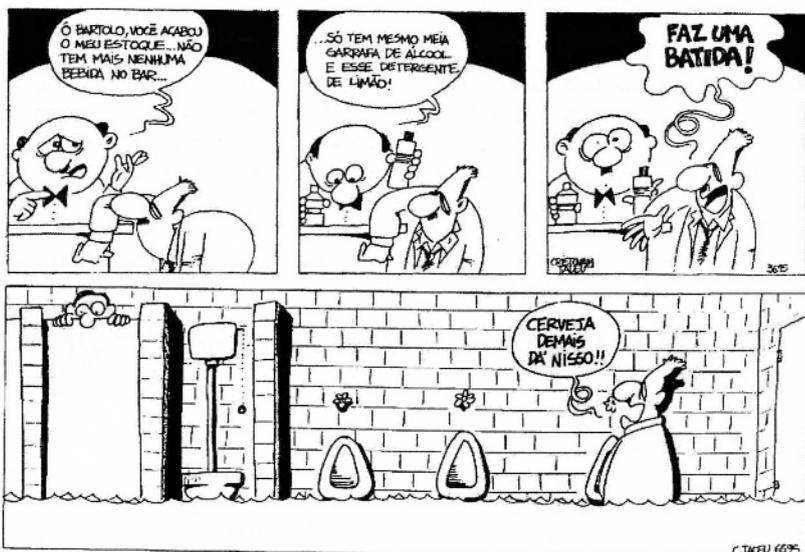
Comecei a publicar no caderno infantil *O Norte em Quadrinhos*, do jornal *O Norte*, de João Pessoa, em 1973. Muito tempo depois, em 1980/81, umas charges minhas foram publicadas nesse jornal, sem que eu recebesse pagamento por isso. Já trabalhei em quase todos os jornais da Paraíba, menos em *A União*. Publiquei charges no *Pasquim* na época da retomada, em 1986, quando morei em São Paulo e umas ilustrações na *Folhinha de S. Paulo*. Já perdi as contas de em quantas revistas eu já publiquei.

Que outras atividades desenvolve no campo do humor?

Faço teatro desde 1978 e desde lá

foquei a atuação no humor. Fiz muitas peças de humor. Em 1983 estreei como humorista de palco, tipo *one-show-man* e consegui abrir alguns espaços, como televisão, por exemplo. Fui o primeiro ator paraibano a gravar comerciais de TV. Gravei mais de 100 comerciais aqui, em quase todas as capitais do Nordeste e em São Paulo. Em São Paulo trabalhei num programa da *Rede Bandeirantes* chamado "Só Riso" ao lado de Costinha e Zé Bonitinho. Em teatro dirigi umas 10 peças, sendo duas de minha autoria: "Vovô Viu a Uva", em 1994 e "Vovô Viu a Ave", em 1998. Esta última virou um programa semanal na TV *O Norte* nos anos de 1999 e 2000, chamado "Sábado de Graça", escrito e dirigido por mim. O último show de humor, "O Fino do Riso 2", o décimo da minha carreira, ainda apresento há 4 anos.

Como profissional, o que faz no momento?



Estive nos Diários Associados (jornal *O Norte*) fazendo charge nos últimos 11 anos. Metade da redação foi demitida há pouco, inclusive eu. Até recentemente fui gerente de Marketing de um shopping local. Escrevo meu próximo show, que se chamará "RisoPontoCom" e pleiteamos a volta do programa "Sábado de Graça".

Qual sua relação com a imprensa hoje?

Foram 17 anos trabalhando na imprensa como chargista e ilustrador. A minha relação com a imprensa hoje é boa, tenho até uma certa autonomia em publicar minhas charges sem muita interferência da editoria. Mas já fiz muito desenho de "idéias" de editores, o que, diga-se de passagem, é um saco. Os caras acham que são gênio e que o chargista não pensa. Ora, o trabalho do cartunista começa com a leitura diária dos jornais, assistir TV, ouvir rádio, se informar do que acontece na cidade, no país e no mundo. Muitas vezes vi coleguinhas nossos dizer que o meu trabalho era "fácil" porque eu desenhava e pronto. Desafiei muito jornalista a desenhar uma charge em 24 horas até mesmo copiando da minha; claro que ninguém topou.

Os quadrinhos paraibanos têm reconhecimento internacional – Deodato Filho e Emir Ribeiro, nos EUA; você, na Itália –, mas sofrem um verdadeiro descaso em sua terra. A que se deve este fato?

Essa é aquela velha máxima de "santo de casa..." O fato de as pessoas terem esse preconceito remonta de velhos tempos. Imprensada entre Recife e Natal, cidades que



Cristovam Tadeu

cresceram muito, João Pessoa sempre foi um lugarejo e isso colocou a população a preferir coisas "de fora", como se Recife fosse longe e só de lá saíssem coisas interessantes. O preconceito começa na própria redação, onde os editores de caderno de cultura não valorizam a produção local. Quando comecei a desenhar *Bartolo*, tinha um traço horrível e poucas tiras, só pra mim. Quando consegui colocar no jornal a coisa mudou de figura. A obrigatoriedade da publicação diária incentiva a criatividade. Resultado, tenho mais de 300 tiras de *Bartolo*.

Existe uma nova geração de cartunistas na Paraíba que carece de espaço para publicação. A autoedição seria a solução?

Seria sim, mas nada se compara com a publicação num veículo de massa, como jornal. O dia-a-dia da publicação, o contato com o leitor, que inclusive sugere idéias, é fas-

cinante. Mas no nosso caso, com essa pobreza de espírito dos jornais locais, a auto-edição é a melhor saída pra mostrar seu trabalho, mesmo em pequena escala. A internet também é um excelente veículo, mas lá já tem coisas demais.

O que você pensa sobre os fanzines e revistas independentes? Eles seriam uma alternativa à profissionalização?

Com certeza. Na Itália isso já existe com a publicação mensal do *Fumo de China*, um fanzine profissional dedicado aos quadrinhos. A maior função dos fanzines é, além de analisar alguns trabalhos, divulgar o que se faz no Brasil e no mundo.

Você conseguiu tornar-se um cartunista profissional sem deixar a Paraíba. Qual o caminho para que outros também alcancem este feito?

Cuidar do trabalho. O *Bartolo* foi criado em 1986 e lembro-me bem que era um traço sujo, sem definição, um traço meio "nojento", sabe? E ainda por cima, eu publiquei isso em livro, você imagina? Depois que passei a cuidar mais do traço, trabalhando os originais em tamanho grande, maior que A3, tudo ficou mais limpo, mais *clean*. E batalhar espaço seja lá onde for, jornal de bairro, de associação, tudo. Tem que mostrar a cara do produto.

Seu trabalho começa a tomar um novo rumo, com a descoberta pelos italianos. Como se deu o contato?



No verão deste ano hospedei uma amiga que mora em Rimini, ela me falou que lá havia um festival de quadrinhos famoso, o *Cartoon Club – Festival Internazionale del Cinema d'Animazione e Del Fumetto*. Ela fez contato com a diretora do festival, que me convidou para participar.

Este convite nos parece algo muito prestigioso. O que pesou para isso, sua produção de quadrinhos ou sua versatilidade no campo do humor? Não sei. Antes disso, em 1998 ou 1999, pedi pra uma amiga brasileira que morou na Itália (também em Rimini) que traduzisse algumas tiras de *Bartolo*. Pretendia eu enviar pra algum editor de lá. Durante a tradução ela foi meio taxativa. Disse: "Olha Tadeu, esse tipo de humor não funciona na Itália". Foi meio que um banho de água fria. Agora, recebo um convite para ir lá e participar. Foi muito legal. Acho que foi o conjunto do humor com o tema que impulsionou para participar do *Cartoon Club*.

Qual a importância desse festival na

Itália?

É um festival tradicional, tem 20 anos e envolve toda a cidade. Tem desde venda de quadrinhos, exposição, filmes de animação, debates, *workshops*, é muito legal mesmo. O festival dura 30 dias e acontece em vários lugares. A cidade nessa época do ano fica repleta de turistas e gente de muitos países vê as mostras.

Qual foi sua participação no festival?

Fui pra uma exibição junto com outros quadrinhistas italianos. Meu quadrinho era o único que eles chamam de "comics", porque o que ainda influencia o quadrinho italiano é a aventura, suspense, policial, *Tex* (imagina, *Tex* lá vende muito!). São edições muito bem cuidadas. Também participei do Júri da mostra de animação em Flash. Além de participar dos debates e dos *workshops*.

Qual foi a receptividade dos cartunistas e do público ao seu trabalho?

Foi boa. Primeiro eles acrescentaram uma sílaba forte ao personagem, que ficou sendo chamado de *Bártolo*. Mas senti que o humor do personagem foi super bem recebido. Afinal, o tema do bêbado é uma constante em qualquer cidade do mundo.

O resultado desse contato pode gerar mais intercâmbio que favoreça os quadrinhos paraibanos?

Claro! Pretendo voltar no ano que vem e levar mais trabalhos daqui. Já tenho um *link* com outros quadrinhistas italianos e sei que podemos formar uma "ponte" cultural muito grande e duradoura.

O que muda em sua produção de quadrinhos a partir dessa experiência?

Muda que a gente sente um certo conceito que o que você tá fazendo aqui é aceito em todos os lugares do planeta. Isso é o que importa. É aquela velha história: Se aqui não se publica por preconceito, que outras pessoas e línguas possam desfrutar do que produzimos.

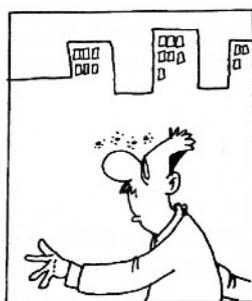
Quais seus projetos imediatos e futuros?

Não sou de fazer grandes planos. Mas pretendo voltar a publicar em jornais e produzir um livro legal com todas as tiras de *Bartolo*, mais algumas inéditas.

Questionário proposto a Cristovam Tadeu por Henrique Magalhães, em setembro 2004.



Bartolo - Cristovam Tadeu



Um brinde a Cristovam

Uma das séries editadas pela Marca de Fantasia é a Coleção “Das tiras, coração”, que se dedica a reunir em livro a produção de tiras de autores de todo o país, mas que têm seu trabalho restrito a sua cidade ou estado de origem. Dessa forma, a editora disponibiliza para leitores de outras regiões o rico manancial humorístico de nossos autores com a diversidade temática do universo de cada um.

Por ocasião do lançamento do oitavo volume da série, com a personagem “Bartolo”, de Cristovam Tadeu, lançado em junho de 1998, Edgard Guimarães fez a apresentação do livro, traçando uma panorâmica do trabalho do autor. Reproduzimos a apresentação a seguir, que serve de ilustração à matéria principal de nosso fanzine. Hm.

Este livro vem corrigir uma falha que vem ocorrendo nos últimos anos, a ausência de uma edição, mesmo um fanzine, com os trabalhos de Cristovam Tadeu. A falha é maior se considerarmos que Cristovam tem produzido tiras sistematicamente há pelo menos 15 anos. E mais, tem conseguido publicar seu trabalho na imprensa paraibana. Esse material, no entanto, estava restrito ao leitor da região. Agora, o trabalho de Cristovam fica acessível ao leitor de todo o Brasil, mesmo estando

na forma de uma edição independente, de tiragem reduzida.

Desde meados da década de 80, Cristovam tem criado e produzido diversas séries no formato tiras. Alguma coisa chegou a ser publicada em fanzines na época e saiu até uma edição especial publicada por Henrique Magalhães. Em um de seus primeiros trabalhos, a série “Lampirão”, a influência de Henfil no traço era bastante nítida, com o personagem principal sendo um cangaceiro na linha do “Zeferino”. A temática, no en-



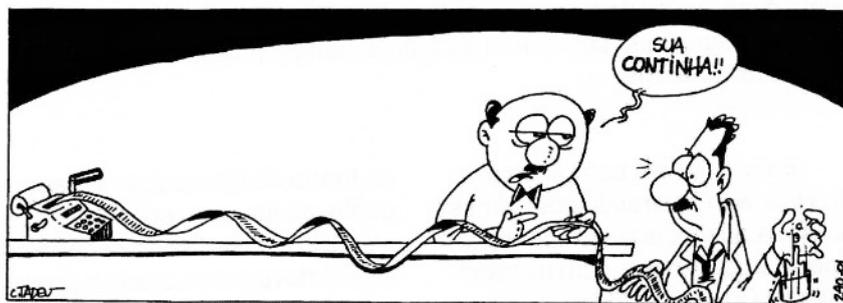
tanto, era bem distinta, centralizada no confronto metalingüístico entre autor e personagem. Cristovam criou outras séries como "Herr Fróide", usando a temática da psicanálise, e "Ostradamos", com abordagem filosófica e reflexiva. Nessas primeiras séries, o traço é bem simplificado e a piada faz uso principalmente do texto, dos diálogos.

A série "Bartolo", cujas primeiras tiras estão reunidas neste volume, é um trabalho mais recente onde o traço de Cristovam está na maturidade. Os personagens estão visualmente bem definidos e se movimentam com desenvoltura dentro da tira. As piadas passam a depender de situações mais variadas que se servem melhor do

desenho. Com o desenvolver da série, o coadjuvante "Oliveira", o dono do bar, passa a ter merecido destaque, às vezes saltando da posição de escada para a de protagonista.

A temática da série é um desafio do qual Cristovam se sai bem, já que o tema do bêbado é sempre muito usado nos mais diversos meios de expressão. Curiosamente, nesta mesma coleção "Das Tiras, Coração", já apareceu um bebum. Foi o "Boêmio", criação de Paulo Emmanuel, no volume 6 da coleção. Talvez no futuro tenhamos um *crossover* entre os dois. Por ora, é ler e apreciar as tiradas – ou viradas (de copo) – de "Bartolo".

Edgard Guimarães



Os quadrinhos no Brasil são viáveis?

Na história dos quadrinhos, o Brasil mais copiou do que criou suas próprias aventuras

José Valcir

Essa indagação é dirigida aos leitores de Histórias em Quadrinhos, para os amantes da literatura ilustrada que se comovem ao saber, através dos noticiários sobre os eventos que ocorrem no mundo, a posição que essa cultura pop alcançou. Mas, de que Histórias em Quadrinhos está-se falando?

Acredite, da brasileira é que não. E por que? Com exceção de Maurício de Sousa, que passa muito bem - tem sua própria indústria, produz e exporta até para o Japão, lugar em que quadrinhos *Made in USA* não entram -, os outros quadrinhistas nacionais, que buscavam o leitor mais adulto para ganhar notoriedade, sentiram-se obrigados a produzir páginas de alguns famosos personagens da indústria norte-americana. Quem eram Deodato Borges Filho, Mozart Couto, O.J. Cariello antes desse acontecimento? Nada? Errado.

Alguns talentos

Deodato Filho e seu pai Deodato Borges tiveram sua primeira HQ publicada na Alemanha, intitulada *3000 anos depois*. Fez parceria com outro roteirista de quadrinhos, Júlio Emílio Braz. Publicaram na *Revista BD*, de Portugal, as aventuras de *Léo Roa*, um detetive num mundo futu-



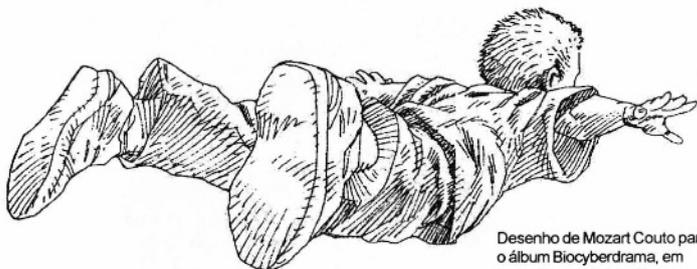
Página de 3000 anos depois, de Deodato Borges e Deodato Filho

rista e decadente. Fez a caracterização da atriz Beatriz Segal nessa história. Alguns apontaram influência de Will Eisner na HQ devido ao ambiente exposto, com pessoas perdidas no tempo, ruas sujas e um ar melancólico. A revista *Aventura e Ficção*, da Editora Abril, também publicou trabalho dele.

Mozart Couto, outro artista de grande qualidade, participou em quase todos os títulos de revistas saídos no Brasil. Fez dezenas de capas, tanto para revistas profissionais quanto para os fanzines. Colaborou durante toda a existência das

revistas *Calafrio* e *Mestres do Terror*, da extinta Editora D-Arte. Em parceria com Júlio Emílio Braz, fez as tiras do indiozinho *Tamba Taja* para um jornal belga. Teve uma HQ publicada na revista *Aventura e Ficção*. Concedeu uma entrevista à revista *Prismarte* nº 6, da PADA e comentou sobre o subtítulo que a própria tinha: "Uma nova maneira de ver quadrinhos". Observou que se fosse no sentido de rever os quadrinhos de modo a proporcionar mudança no mercado editorial, estaria tudo bem. E acrescentou: "No entanto, se for

nagem caiu no gosto dos leitores e ganhou revista própria, que foi cancelada com o fechamento da editora. Um fato lamentável aconteceu na carreira deste artista. Alguns editores inescrupulosos enviaram às editoras européias trabalhos dele sem autorização. A consequência foi o não pagamento dos direitos autorais. Isso não é um caso isolado. Muitos outros artistas de quadrinhos no Brasil passaram por isso. No momento, Watson está ministrando aulas de Histórias em Quadrinhos, no Recife.



Desenho de Mozart Couto para o álbum *Biocyberdrama*, em parceria com Edgar Franco

Júlio Emílio Braz, respeitado roteirista de HQ, participou das revistas da Grafipar, Vecchi, D-Arte, RGE (atual editora Globo). Com Mozart Couto e Deodato Filho, fez a revista *Platoon*, da

para cair na mesmice oferecida pelos autores de HQ, sem inovação e questionamento do meio editorial, então nada haveria de mudar".

Entre os pernambucanos, têm-se Watson Portela. Participou de várias revistas, desde as lançadas pelas extintas editoras Grafipar e Vecchi, a uma que saiu pela Abril Jovem. Esta tentava atingir o público feminino com a revista *Radicais*. No começo de carreira desenhou as aventuras do violento caubói *Chet*, roteirizadas pelo seu irmão Wilde Portela, e escritas por Francisco Tavares, colecionador de quadrinhos. A princípio, o personagem saía como complemento das histórias realistas de *Ken Parker*, lançada pela Vecchi. Com o tempo, o perso-

lceá Gráfica. Publicou alguns trabalhos na Europa (vide acima). Contribuiu com alguns fanzines e era responsável pelo memorável personagem surgido na "Era da HQ de Terror" no Brasil, *Jesuino Boa-Morte*. Os desenhos foram do pernambucano Zenival, que se decepcionou com os quadrinhos e hoje é artista plástico. Atualmente, Júlio Emílio Braz dedica-se à produção de livros infantojunilis (este novo trabalho lhe rendeu o prêmio Jabuti de melhor livro infantil).

A breve biografia acima deixa uma ponta de curiosidade do porquê dessas pessoas, tão talentosas, não terem dado certo na HQ nacional. Em seguida, uma tentativa de explicar esse fato.

Chamada Geral

Tchê

Nº 31, 2004. 40 p. 15x 21cm.

Editor: Denílson Reis. Rua Gaspar Martins, 93. Alvorada, RS. 94820-380.

O *Tchê* continue firme, com mais de 15 anos de circulação, e sai com uma edição comemorativa. É um feito e tanto que merece mesmo todas as homenagens. Nesta edição, Denílson dá mais ênfase aos textos, reforçando o caráter de fanzine de sua publicação. O fanzine, como se sabe, dever ser mais que a veiculação dos trabalhos artísticos. Os textos levam a uma reflexão mais direta e contribuem para o amadurecimento do público.

As HQ publicadas na edição 31, bem como na edição 32 não são o forte do fanzine, que chegam a apresentar até erros sérios de português. As exceções ficam por conta de Gazy Andraus, com a HQ "Pegadas"; o roteiro de Marcelo Marat, em "Até que a morte os separe!"; e a arte de Henry Jaepelt, em "Fluir". As capas dessa edição estão muito boas, tanto a de Daniel HDR quanto a de Shimamoto. A capa do nº 32 deveria ter sido o desenho de Gazy Andraus, publicado na página 2. Nota-se nesse desenho talvez um redirecionamento no traço de Gazy, mais denso e cheio de contrastes, sem perder o caráter intuitivo.

Boca Suja

Nº 26, jul. 2004. 24 p. 15x 21cm.

Editor: Laerçon Santos. Rua Maciel



Aranha, 238. São Paulo, SP. 08340-290. Mande 2 selos.

Com esta edição Laerçon comemora o sexto ano de produção do fanzine. Bravo editor, que se mostra persistente e com um vigor alvisareiro. O *Boca Suja* continua com a irreverência de sempre, expressa nos personagens de quadrinhos que são, literalmente, uns *boca suja*, para nosso deleite. O *Pato de Botas* está cada vez mais hilário, assim como *Cartas para Afras* e *The Paraibanos de Subúrbio*, que formam o time pesado do editor.

Mas temos ainda a participação de outras figuras já conhecidas no meio independente, como Edu Manzano (com *Oswaldo, o gostoso!*), Cleuber Cristiano (*Arroz Integral*), Sidney Carvalho (*Miudins*), Márcio Sennes (*Pig & Meka*), Lupin, entre outros.

O fanzine abre cada vez mais espaço para a informação textual, seja com uma boa seção de rese-



nhas, seja com a inserção de poesias, artigos e entrevistas. Nesta edição, temos textos reflexivos e críticos de José Salles e Orivaldo Leme Biagi. As entrevistas são com Tércio Strutzel, editor dos fanzines *Paralelo* e *Subdirection* e com o ilustre Orivaldo Biagi, que dá o respaldo de sua forte formação acadêmica à análise do mundo *underground*. Por tudo isto o *Boca Suja* tem se tornado uma das publicações mais interessantes da atual produção independente no país.

Paralelo

Nº 6, abr. 2004. 24 p. 15cm x 21cm. Editor: Tércio Strutzel. Caixa postal 71536. São Paulo, SP. 05020-970.

O trabalho de Tercio tem crescido a olhos vistos. Esta edição do *Paralelo* é uma prova disso, não só pelo conteúdo da publicação, bastante variado e rico em informações, como se espera dos bons fanzines, mas porque seu trabalho como autor de quadrinhos demonstra um bom desempenho na estrutura do roteiro e uma arte bastante convincente, em

termos de concepções gráficas. Além disso, ressalte-se o conteúdo crítico e engajado de sua HQ, a denunciar a hipocrisia política e social.

Participam da edição Edgar Franco, José Vieira & Jeferson Adriano, Maurício Tadeu, Edu Manzano e Anita Gisele, com histórias em quadrinhos e tiras. O próprio Tercio nos apresenta ainda uma história curta e com traço mais caricatural, de inspiração surreal. Como se vê, o perfil diversificado dos autores, uns mais, outros menos conhecidos no meio independente, garante a pluralidade da publicação, trazendo ao leitor as diversas expressões dos quadrinhos amadores e experimentais.



Três seções marcam a parte textual: divulgação de fanzines, divulgação de álbuns e revistas, além de multimídia, esta mais voltada para as publicações na internet. *Paralelo* cumpre muito bem sua função de incremento da produção alternativa, formando público e difundindo as produções do meio.

Lero-lero

Público

No número 13 do *Top! Top!*, o destaque dado a Wellington Srbek foi bastante válido. Sua entrevista com ele conseguiu tirar informações claras e diretas, que serviram para mostrar não só o que ele anda produzindo, mas também sua evolução como quadrinhista.

Chamou-me a atenção, também, seu comentário à carta do Manzano. De fato, essa questão da conquista de um público leitor para os fanzines e edições independentes virou uma espécie de nó górdio para os editores, difícil de desatar. O *Inquilino*, por exemplo, tem pouquíssimos leitores que também não sejam fanzineiros. No meu caso, isso não incomoda tanto porque faço o zine para mim mesmo, como uma ferramenta de trabalho onde posso me exercitar e evoluir como roteirista. Dessa forma, a opinião de um leitor talvez não seja tão interessante quanto a de quem faz quadrinhos e pode apontar meus erros eventuais com bases concretas.

Dentro dessas perspectivas, um público leitor formado por leigos não é tão interessante para mim. Já em trabalhos como o seu, ou do André Diniz, ou do próprio Srbek, é fundamental, ou todo o trabalho de vocês não fará sentido. No caso do *Top! Top!*, ou mesmo da *Mandala* ou *Quiosque*, parece que o público ideal seria o universitário. O leitor médio não se interessa em discutir quadrinhos, e suas publicações trazem críticas apuradas, mais até do que o quadrinho em si. O mistério – e você deve saber disso melhor do que eu, pois tem muito mais tempo de estrada – é como chegar a esse público, fazer isso sem ter acesso aos grandes meios de comunicação, ou uma distribuição eficiente. Ao mesmo tempo, cedendo às dificuldades e parando de produzir, o vazio cultural vai se ampliando. Não é à toa que chamam o quadrinho in-



dependente de “trincheira de resistência”.

Marcelo Marat
Belém, PA

Marcelo faz uma avaliação muito boa do atual momento dos quadrinhos independentes no Brasil. Se por um lado existem verdadeiras trincheiras de resistência tentando fazer um produto cada vez mais bem acabado, por outro há o distanciamento do público, que em curto prazo pode desestimular essa produção. Ele lembra que os editores desse tipo de quadrinhos – autoral, inovador, conceitual – e as publicações críticas devem buscar o público universitário e não o público geral, consumidor dos quadrinhos comerciais – por isso mesmo mantenedores das fórmulas estabelecidas.

Eu completaria que os quadrinhos independentes de hoje são descendentes dos quadrinhos alternativos dos anos 1970, que motivaram o surgimento de muitas publicações interessantes, a exemplo de Balão, Bicho, Risco etc. E estas revistas estavam justamente inseridas no contexto universitário, sendo produzidas por centros acadêmicos mediados por jovens e entusiastas artistas.

Não seria hora de esquecermos a generalidade do grande público, diametralmente oposto às pequenas tiragens que viabilizam nossa produção e voltarmos à origem, nos dirigindo a um público seletivo e mesmo assim nem tão reduzido?

COLEÇÃO QUIOSQUE

Ensaio em livros de bolso (12x18cm) sobre autores, personagens e diversos aspectos do universo das histórias em quadrinhos

ENTREQUADROS

Wellington Srbek
Shimamoto, Colin, Nilson, Jô Oliveira, Angeli, Mutarelli, são alguns dos autores que falam de sua obra e processo de produção. Um livro para refletir sobre as histórias em quadrinhos brasileiras.
Nº 5, 64p. R\$ 9,00



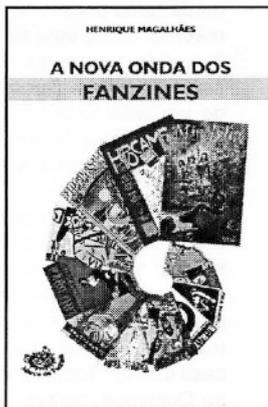
MIRACLEMAN: Um outro mito ariano

Márcio Salerno
O que está por trás da criação do mito, que tornou-se uma referência no mundo dos quadrinhos pelas mãos de Alan Moore.
Nº 6, 64p. R\$ 10,00



A NOVA ONDA DOS FANZINES

Henrique Magalhães
Neste livro o autor atualiza seus estudos sobre os fanzines, dando ênfase à produção da década de 1990.
Nº 7, 84p. R\$ 10,00



Pedidos com cheque nominal ou vale postal para:

HENRIQUE P. MAGALHÃES
Rua Antônio Lira, 970/303
58045-030 João Pessoa, PB - Brasil
<http://marcadefantasia.sites.uol.com.br>
mdefantasia@ig.com.br
Para depósito bancário, fazer contato